

EXPRESSÃO DE TEMPO NA CONEXÃO DE ORAÇÕES JUSTAPOSTAS¹

Maria Célia LIMA-HERNANDES (FFLCH-USP)
mceliah@usp.br

Resumo: Pensar na marcação gramatical da noção de tempo numa combinação de orações justapostas pode suscitar uma série de embates, especialmente porque há a atuação do princípio da iconicidade combinada com a multifuncionalidade de um tempo presente, que se presta à marcação da habitualidade, do passado e até mesmo de situações ainda por ocorrer. Este é objetivo deste artigo: discutir a expressão de tempo na combinação de orações que são combinadas por justaposição no português do Brasil.

Palavras-chave: justaposição; tempo; combinação de orações; gramaticalização.

Introdução

Parto do princípio de que o discurso constitui-se de unidades informacionais ligadas de modos diferenciados. Essas unidades são chamadas, na literatura, de cláusulas ou orações, que são ligadas umas às outras, estrutural ou semanticamente, de forma mais ou menos lassa, constituindo, numa seqüência maior, períodos compostos ou sentenças complexas.

Nas escolas, os estudos da gramática tradicional quanto aos processos de combinação de orações são mais comumente tratados de processos sintáticos. A demarcação dos períodos é determinada pelas orientações que integram a Nomenclatura Gramatical Brasileira, o que afeta sobremaneira o modo de análise sintática. Ocorre que nem sempre é possível perceber quais critérios subjazem ao tipo de classificação presente nos livros escolares. Lidando com dados, no entanto, é possível depreender a importância dos parâmetros *explicitação, identidade e traço animado do sujeito, ordem e correlação tempo/modo* para a compreensão dos tipos de processos de combinação de orações usuais no português.

Os trabalhos funcionalistas, visando ao entendimento e descrição de usos linguísticos independentemente da normatividade, demonstram nessa área contribuição relevante ao focalizar a graduação menos discreta entre os tipos de

¹ Apresentado no XXIIème Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, em Évora.

orações e processos, o que permite reconhecer a existência de tipos oracionais, anteriormente incluídos num dos dois extremos de dependência, ainda que discrepantes em traços e comportamento. Em especial, cito a contribuição de Lehmann (1988), cujas idéias e argumentos neutralizam as influências do modelo de análise tradicional.

Os estudos sobre a combinação de cláusulas, especificamente, têm oferecido contribuição significativa para o esclarecimento do comportamento de estruturas mais ou menos gramaticalizadas nas línguas. Aqui, apresento mais uma pesquisa que caminha nessa direção e, neste artigo, discuto o peso de alguns critérios que se correlacionam com a combinação das orações justapostas.

Seguindo a metodologia laboviana para a quantificação de dados, analiso materiais de línguas escrita e falada do português popular de São Paulo. Meu objetivo é estudar e descrever como os informantes com pouca ou nenhuma influência das normas lingüísticas escolares constroem orações temporais no processo de combinação rotulado de ‘justaposição’.

Os dados de língua falada, extraídos de entrevistas do Projeto Peul (dialeto carioca), de oito entrevistas do *Corpus do Português Popular da Cidade de São Paulo* (RODRIGUES, 1987) e os de língua escrita, extraídos de vinte cartas familiares provenientes de cidades do interior de São Paulo² foram analisados à luz dos seguintes critérios de observação: *ordem, mudança da ordem e correlação de tempo*, além de *explicitação, identidade e animacidade dos sujeitos sintáticos*.

1. A gramaticalização dos processos de combinação de orações

Hopper & Traugott (1993:170) propõem a combinação de dois critérios para o estabelecimento de um contínuo de orações: dependência e encaixamento. Dividem, então, os processos de combinação oracional em três tipos: parataxe, hipotaxe e subordinação. Perguntamo-nos, então, se a justaposição seria atinente somente ao processo de parataxe.

Para esses autores, a parataxe evidencia independência entre as orações que compõem a seqüência. Seria, então, um processo de ligação que envolveria tanto as

² Retirados de Pimentel Pinto (1990).

justapostas, quanto as coordenadas. As primeiras apareceriam lado a lado sem a presença de um conector e a relação semântica é estabelecida somente por inferência. As segundas, diversamente, trariam o conectivo explícito e apresentariam as orações num mesmo contorno entonacional.

Harris & Campbell (1995) questionam, no entanto, que haja uma relação unidirecional de derivação entre os tipos diferentes de sentenças paratáticas. Em outras palavras, não acreditam que justapostas e coordenadas poderiam, então, ter sua origem explicada por como uma derivação unidirecional.

Elas consideram bastante questionável que se conceba uma mudança lingüística sempre da estrutura menos complexa para a mais complexa. A evidência apresentada pode ser observada em qualquer língua viva, uma vez que nelas continuam a existir estruturas simplificadas e não apenas as mais complexas. Todos os argumentos construídos pelas autoras envolvem a reanálise em alguma instância. Reanálise, aliás, é a explicação mais aceitável para o surgimento das hipotáticas, porque as autoras crêem que nenhum mecanismo especial é necessário para a explicação de como surgiram essas orações. Segundo elas, toda língua que tenha formas verbais não-finitas tem o potencial para introduzir uma oração subordinada finita. Portanto, a etimologia de um conectivo não poderia explicar a estrutura original do tipo oracional, pois a subjunção pode ser extensiva a um tipo diferente de oração, por reanálise.

Paiva (1998:62), por outro lado, analisando as expressões da relação de causalidade no Português de Contato do Alto Xingu, fez observações que confirmaram a Hipótese Parataxe. Notou que, com o avanço do aprendizado do português, a relação de causa fica mais gramaticalizada, pois, se inicialmente a parataxe predomina, com o domínio mais acentuado da língua, a hipotaxe aumenta expressivamente. Esta é uma evidência de que mudanças lingüísticas na combinação de orações estão atreladas aos estágios de aquisição de L2. Nesse sentido, a Hipótese Parataxe é aplicável ao Português de Contato.

Franjzyngier (1996), estudando as línguas chádicas, investigou construções complexas e propôs uma tipologia oracional baseada em três tipos: *ligação assindética*, *seqüencial* e *subordinada*. Nesse modelo, muitas estruturas complexas subordinadas naquela língua são identificadas com base no tipo de verbo da principal: complementos de *verbos de dizer*, interrogativas encaixadas,

complementos de *verbos de volição*, complementos de *verbos de percepção*, complementos de *verbos de cognição*, orações temporais, orações condicionais e orações relativas. Novamente, a maioria das explicações dadas para o surgimento das orações baseia-se na reanálise.

Na perspectiva da gramaticalização de estruturas oracionais, Hopper & Traugott (1993), como Lehmann (1988), também mostram os diferentes tipos de combinações de orações dispostos em forma de contínuo. Oferecem também critérios que justificam a redistribuição dos tipos oracionais arrolados na gramática tradicional.

Após o levantamento de orações que se encaixariam no modelo bipartido de paratáticas, procedi ao exercício de classificação por aproximação aos processos já citados, e os chamamos de ‘*estruturação*³ intermediária’. Considerei orações de tempo combinadas por parataxe as *estruturações justapostas* e as *estruturações intermediárias 1*, conforme expresse adiante.

1.1 Estruturação Justaposta

A justaposição constitui o processo pelo qual o falante apresenta orações lado a lado, sem o emprego de conectivos explícitos, portanto numa seqüência formalmente desconexa. A interpretação de tempo é resultado da leitura da seqüência das duas orações justapostas, com entonação especial⁴.

- (1) isso, eles vive dizendo isso, *eu nem sonhava em ter filho ainda*[peul143]
- (2) ela...*o cachorrinho morreu...*ela enterrô encostadinho na parede nossa aí [pop18]
- (3) porque...*cheguei...*já tinha passado a reunião [pop52]

³ O rótulo *estruturação* está sendo usado como sinônimo de ‘camada’, como um dos princípios de gramaticização de Hopper, aqui aplicado à sintaxe da frase.

⁴ Segundo Dubois et al. (1973:217), elementos de informação afetivos, conotativos, estéticos estão contidos na entonação e unem-se à expressão de idéias. Com base nessas informações, nos resultados dos testes não sistemáticos de leitura dos exemplos encontrados e na audição das gravações do Português Popular de São Paulo, observamos a diferença entonacional citada.

1.2 Estruturação Intermediária 1

Classifiquei como estruturas intermediárias 1 as ocorrências em que as orações estivessem acompanhadas de seqüenciadores narrativos do tipo *e*, *então*, *aí* e *depois*.

(4) *aí eu estava jogando bola*, ele me chamou para mim ir [peul62]

(5) *então eu acabava o meu/ a minhas coisas de casa...lição...tudo...corria pra casa da dona* [pop90]

(6) *e eu chego...tá tudo em orde* [pop211]

(7) *depois chegá na hora...não é da gente* [pop300]

Numa seqüência coordenada prototípica, as orações apresentam o conector entre as duas orações, diferentemente das orações com que trabalhamos. Em todos os exemplos analisados, o elemento coordenativo aparece no início da primeira oração, o que nos impede que classificá-las como coordenada.

Detive-me, portanto, na análise de orações cuja relação seja tempo, numa estruturação não-prototípica, daí o rótulo ‘estruturação intermediária’.

2. A justaposição de orações no português popular

A falta de consenso sobre a apreensão dos processos de combinação de orações pelos gramáticos é bastante evidente, especialmente se a justaposição for alvo de interesse. Enquanto Rocha Lima (1962) inclui a justaposição como processo sintático fundamental ao lado da coordenação, subordinação e correlação, Garcia (1967), Cunha (1983) e Cunha & Lindley Cintra (1985) consideram-na um processo particular da coordenação. Bechara (1992), por sua vez, observa que justapostas possuem feições tanto de coordenação quanto subordinação.

A justaposição, processo de combinação de orações bastante raro em língua escrita fora dos domínios literários, também coloca numa situação desconfortável os estudiosos das línguas porque a leitura de sentenças nesse formato provoca, categoricamente, a sobreposição de interpretações.

Ao estudo desse tipo de estruturação dedico-me neste artigo, não sem antes esclarecer que assumo a justaposição como um fenômeno de encadeamento de

orações, sem o emprego de partículas conectoras. Nesse sentido, selecionei dados que se assemelham pela junção de duas características básicas: independência formal e forte entrelaçamento de sentidos.

A *ordem* tem se mostrado parâmetro fundamental para a observação da mobilidade das orações justapostas. Por esse critério, identificarei as possibilidades de colocação das orações em três posições: anteposição, posposição e intercalação.

(8) cheguei aqui...vô falá pra senhora...até comprei um lote em Guarulhos[pop52]

(9) ...cheguei ...já tinha passado a reunião [pop53]

(10) vivo lembrando sempre de umas coisa pra trais...do tempo sossegadinho morava na roça [pop32]

Essa distribuição pode ser orientada pela iconicidade que compensaria a ausência de conectivo. Para avaliar até que ponto o tipo de conexão distancia essa oração das demais temporais, procedi ao teste da *mudança da ordem*. Hipotetizo que a falta de conectivo restrinja a mudança de ordem, chegando mesmo a impedir a inversão. Para tanto, precisarei avaliar qual o peso da interferência de *tempos* e *modos verbais*.

Quanto à *explicitação do sujeito*, verificarei se a co-referencialidade poderia ser parâmetro condicionador de um possível apagamento de sujeito nas pospostas e nas intercaladas, índice da integração das orações. Sendo as justapostas orações altamente entrelaçadas no sentido, hipotetizo que haja um alto grau de integração entre elas, e isso poderá ser observado por meio dos parâmetros *explicitação*, *identidade* e *animacidade do sujeito sintático*. Quanto maior for a integração sintática, maior será o uso de anáfora zero para marcar sujeitos idênticos. Quanto ao traço [animado], Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) afirmam que orações em estágio avançado de gramaticalização teriam um maior índice de sujeitos com traço [-animado].

3. Avaliando os usos

Embora Pimentel Pinto cite a ocorrência de orações justapostas em cartas que compõem o Português Popular, não encontrei nenhuma ocorrência de oração adverbial temporal, o que me leva a supor que a linguagem escrita funcione como

restrição a esse tipo de justaposição. Uma explicação plausível pode estar baseada na entonação, que, na linguagem falada, auxilia a construir a noção a ser expressa na combinação de orações. Por outro lado, sua ausência, na linguagem escrita, geraria ambigüidade interpretativa. Detive-me, portanto, à explanação dos resultados obtidos com o material de língua falada em face dos parâmetros apresentados.

A margem esquerda foi eleita para a construção da temporal justaposta, seguida da intercalação provocada pelas partículas *aí*, *então*, *porque* e *depois*.

Contínuo 1: Ordem da Justaposta Temporal

antepostas (75%) >>>>> intercalada (23%) >>>>> pospostas (2%)

A distribuição representada no contínuo 1 é muito parecida com a distribuição encontrada para as temporais introduzidas por conectivo em textos orais. Verifiquei, portanto, que o parâmetro *ordem* aproxima o comportamento de ambos os tipos de combinação de orações: justapostas e conectivas obedecem a um mesmo contínuo distribucional.

Para observar se a mudança de ordem alteraria a codificação expressa, submeti as orações justapostas ao teste da mudança potencial de ordem e os resultados foram os seguintes.

Tabela 1: Ordem x Mudança da ordem

	Não admitem inversão	Admitem inversão
Antepostas	98%	2%
Intercaladas	92%	8%
Pospostas	100%	

Observei, portanto, que os casos de temporais justapostas não admitem preponderantemente a inversão da ordem, do contrário uma confusão se instauraria. Um pequeno número, entretanto, admite a inversão sem se prejudicar a informação, como nos exemplos seguintes:

(11) apesar que...ela entrô lá...ela tinha cinco ano [pop254]

(12) ele chegô...o rapaz tava vendendo limão [pop311]

Nesses casos, o tempo garante a ordem dos eventos, embora já estejam originalmente inversas as orações. O exemplo (11) só aceita a inversão parcial, podendo ser movida para a direita, que é o sentido da iconicidade, mas não para a esquerda. Os eventos icônicos, bem como os tempos gêmeos, categoricamente não suportaram o teste da inversão, sob pena de se alterar toda a informação.

A integração das justapostas demonstra-se fortalecida pelo alto índice de anáforas em orações temporais antepostas; embora esteja apagado o sujeito da primeira oração, o da segunda não aparece como sintagmas nominais explícitos.

Tabela 2: Explicitação do sujeito X Ordem

	T E M P O R A I S				NÚCLEO
	Total %	Anteposta	Intercalada	Posposta	
Anáf. Zero	41%	30%	9%	2%	59%
Anáf. Pron.	36%	29%	9%		18%
SN pleno	23%	16%	5%		12%
Indefinidos					7%
Outros					4%

Notei, então, que, embora os sujeitos sejam anafóricos e dispostos em cadeia, muitas vezes não remetem ao mesmo antecedente ou referente. Esse é um fenômeno muito comum na linguagem falada por analfabetos: não há preocupação em se deixar claros referentes, pois a narrativa supre, na maior parte das vezes, essa deficiência. Configura-se, portanto, a não-integração oracional.

Contínuo 2: Identidade do sujeito

[-identidade] 52% >>>>> [+identidade] 47% >>>>> outros (oracional) 1%

Os sujeitos que fazem parte da combinação de orações justapostas possuem, predominantemente, o traço [+animado]. Dois aspectos explicariam a alta frequência: a narrativa ser de cunho pessoal, portanto envolvendo pessoas; e orações desse tipo estarem num estágio menos adiantado de gramaticalização, confirmando as intuições de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) a esse respeito.

Tabela 3: Traço [animado] do sujeito

	Oração de tempo	Oração Núcleo
[+animado]	86%	74%

[-animado]	14%	22%
Outros	0%	4%

O presente do indicativo é preponderantemente usado na construção das justapostas temporais (98,5%). Sobretudo notei que os tempos gêmeos são mais recorrentes, ou seja, a correlação tempo/modo idêntica é muito recorrente.

Tabela 4: Correlação tempo/modo X Inversão X Co-ocorrências

Correlação	Inversão	Tópico	Seqüenciador	Adv.Tempo
Tempo/modo				
pres./pres.	48%	não aceita	78%	7%
Imperf./imperf.	19%	não aceita	73%	9%
perf./perf.	14%	não aceita	63%	38%
perf./imperf.	11%	Aceita	100%	0%
Imperf./pres.	2%	não aceita	100%	0%
Imperf./perf.	2%	não aceita	0%	100%
perf./pres.	2%	não aceita	0%	0%
fut.subj./pres.	2%	não aceita	0%	0%

Os dados revelaram, portanto, que a iconicidade atua fracamente nas justapostas de tempo, uma vez que somente em 5% dos materiais de língua falada esse princípio mostrou-se relevante.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1992.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

CUNHA, Celso/CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FRAJZYNGIER, Zygmunt. *Grammaticalization of the Complex Sentence: a case study in Chadic*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1996.

GARCIA, Othon Manuel, *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1967.

HARRIS, Alice & CAMPBELL, Lyle. "On the development of complex constructions". In: *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995, pp. 282-313.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization - A conceptual Framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, Christian. "Towards a typology of clause linkage". In: HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra A (ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp.181-225, 1988.

PAIVA, Maria Conceição de. "Da Parataxe à Hipotaxe: uma trajetória do português de contato". In: *XXVII Anais de Seminários do GEL*, São José do Rio Preto, 1998, pp.57-63.

PIMENTEL PINTO, Edith. *O Português Popular Escrito: a linguagem das ruas e das feiras, Linguagem urbana e português popular*. São Paulo, Contexto, 1990.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1962.

RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. *A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 1987.